

Uma análise do discurso da loucura na escrita autobiográfica de Maura Lopes Cançado

Analysis of the discourse of madness in the autobiographical writing of Maura Lopes Cançado

Leísa Ferreira Amaral Gomes; Maria Stella Brandão Goulart

Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO:

O presente trabalho analisa o discurso da loucura na obra autobiográfica *Hospício é Deus*, de Maura Lopes Cançado. Analisar um discurso implica em articular texto e contexto. Para tal, a autora é colocada em foco, a partir de sua experiência como mulher subalternizada, em um determinado contexto histórico, articulado ao contexto da história das instituições psiquiátricas. Seu livro-denúncia prenuncia a reforma psiquiátrica brasileira. Em seu diário, Maura se vê às voltas com questões relacionadas a ser louca. Descreve o hospício, as mulheres internadas, as relações com médicos, enfermeiras e funcionárias, os tratamentos e os maus-tratos. A loucura desafia sua compreensão e a visão inicial do hospício como um lugar fora do mundo não encontra ressonância em um cotidiano institucional opressivo, que ela passa a denunciar.

Palavras-chave: loucura; literatura; Maura Lopes Cançado.

ABSTRACT:

The present work analyzes the discourse of madness in the autobiographical work *Hospício é Deus* by Maura Lopes Cançado. Analyzing a speech implies in articulating text and context. For this, the author is placed in focus in a certain historical context, departing from her experience as a subalternized woman. Her book anticipates the Brazilian psychiatric reform. In her diary, Maura faces questions about being crazy. Describes the hospice, other interned women, the relationship with doctors, nurses and staff, treatments and maltreatment. Madness challenges her understanding and the initial vision of the hospice as a place outside the world finds no resonance in an oppressive institutional daily life, which she ends up denouncing.

Key-words: madness; literature; Maura Lopes Cançado.

O presente trabalho¹ analisa o discurso da loucura presente na obra *Hospício é Deus*, de Maura Lopes Cançado (1929 – 1993), uma escritora mineira com uma trágica história pessoal e social, que sofreu constantes internações psiquiátricas ao longo da vida. Seu celebrado livro constitui um misto de gêneros literários, como diário,

¹ Este artigo baseia-se na dissertação de mestrado *Loucura e gênero: uma análise da escrita autobiográfica de Maura Lopes Cançado* (2014) do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG (Área de concentração: Psicologia Social; Linha de pesquisa: Política, Participação Social e Processos de Identificação).

memórias e autobiografia. Foi escrito entre 1959 e 1960, período anterior à reforma psiquiátrica brasileira, quando a autora se encontrava internada no Hospital Gustavo Riedel do Centro Psiquiátrico Nacional do Engenho de Dentro no Rio de Janeiro (RJ).

Maura Lopes Cançado nasceu em 1929 na próspera fazenda de seus pais em Minas Gerais, no atual município de São Gonçalo do Abaeté. Coursou escolas de elite e aos quatorze anos começou a frequentar o aeroclube de Bom Despacho (MG) com a intenção de tirar brevê de aviadora. Ali conheceu seu futuro marido, com quem se casou aos quinze anos de idade e teve um filho em 1945, mesmo ano em que seu pai faleceu. O casamento chegou ao fim após um ano, quando Maura deixou o filho com sua mãe e retomou o curso de aviação. A mãe a apresentou com um avião quando ela contava com dezesseis anos de idade, porém este foi destruído por um colega em um pouso de emergência. Foi então para Belo Horizonte (MG) para concluir seus estudos, mas uma moça separada e com um filho não seria aceita na escola particular onde se matriculara. Em 1949, aos vinte anos, quando se descrevia como nervosa, doente, magra e sem sono, Maura se internou pela primeira vez em uma clínica psiquiátrica na capital de Minas Gerais.

Sem perspectivas, decidiu então viver no Rio de Janeiro e escrever. Trabalhou para periódicos de prestígio, como o *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã*, onde conviveu com intelectuais e escritores renomados. Durante o tempo em que colaborou com esses jornais, sucessivas crises a levaram a hospitais psiquiátricos, sendo que boa parte dessas internações foram voluntárias. Após a publicação de apenas dois livros, contos e poesias em jornais brasileiros, Maura abandonou precocemente a escrita. Faleceu em 1993, solitária e esquecida, de doença pulmonar obstrutiva crônica, no Rio de Janeiro - RJ (SCARAMELLA, 2010a).

O livro enfocado obteve muita repercussão à época de lançamento e, mais recentemente, vem sendo objeto de análise acadêmica como obra subalternizada. *Hospício é Deus* tornou-se, ao longo do tempo, objeto de discussão sobre loucura, gênero, esquizofrenia e literatura feminina (SCARAMELLA, 2010a). Fruto de numerosas internações da autora, o livro fornece um retrato de sua condição: uma paciente que é submetida às práticas da instituição psiquiátrica violenta e decadente e também um indivíduo que retira da escrita autobiográfica seu laço mais profundo com a vida (LACERDA, 2000). O diário de Maura alcança "a tentativa de situar um drama pessoal em função de um contexto" (BRASIL, 1973-75, p. 101). O caráter documental dessa obra, importante como libelo e denúncia, é ultrapassado por seu valor literário e

artístico, o que a coloca entre os melhores escritores brasileiros, conforme Assis Brasil (1973-75).

Maura sofreu um processo de pauperização e exclusão social ao longo de uma trajetória de internações em sanatórios particulares, até longas internações em manicômios públicos, sem nunca conseguir encontrar lugar para si na sociedade, o que resultou no abandono definitivo de seu ofício de escritora. É um nome por vezes lembrado entre as estudiosas da literatura de autoria feminina (COELHO; MARRECO, 2008). Sua obra não adentrou os cânones literários brasileiros e, tal qual grande parte da literatura de autoria feminina, ainda resta por ser reconhecida amplamente em seu país.

Nos dias atuais, observa-se um renovado interesse pela vida e obra de Maura Lopes Cançado (LIMA, 2013). Em 2007, Flávio Moreira da Costa organizou no Brasil a obra *Os melhores contos de loucura*, na qual é a única escritora mulher, que ainda estaria na expectativa de um *revival* (COSTA, 2007). Em 2011, a Confraria dos Bibliófilos do Brasil reeditou pela primeira vez a íntegra do livro *O sofredor do ver* (1968a) que possuía apenas uma edição conhecida e muito rara datada de 1968. A edição especial, em formato grande, encadernada em capa dura e ilustrada com serigrafias criadas especialmente para a obra, teve tiragem limitada a apenas quinhentos e um exemplares impressos para os sócios, o que confirma sua relevância e preciosidade (CANÇADO, 2011). Após estar esgotado por duas décadas, o diário *Hospício é Deus* (1965), juntamente com a coletânea de contos *O sofredor do ver* (1968), foram relançados em uma caixa especial em 2015.

Referenciais teórico-metodológicos

A questão da mulher subalterna silenciada é abordada por Gayatri Spivak. O sujeito feminino como subalterno não pode ser ouvido ou lido, visto que é constituído e historicamente representado por outros sujeitos no discurso oficial. O desafio posto, portanto, é "buscar aprender e falar ao (em vez de ouvir ou falar em nome do) sujeito historicamente emudecido da mulher subalterna" (SPIVAK, 2010: 88). Os loucos são subalternos de uma categoria especial, como uma personagem citada por Spivak que foi "afastada da mobilidade burguesa de classe por sua loucura" (SPIVAK, 2002: 16). É identificada a posição de subalternidade dos sujeitos que não têm seu próprio lugar nas narrativas oficiais, ou um não lugar, como as mulheres e os loucos, sobretudo em países periféricos (SPIVAK, 2010).

A invisibilidade da experiência é discutida por Jean Scott (1998). Enfocar a experiência de pessoas cujas vidas foram omitidas ou negligenciadas pela história normativa permite fornecer evidências de um mundo de práticas que desmente construções hegemônicas (SCOTT, 1998). Tal ocorre com a experiência de Maura Lopes Cançado sobre as internações de longo prazo em manicômios brasileiros, historicamente praticadas e defendidas por um determinado tipo de discurso médico e social. Scott (1998) relembra que sujeitos são construídos discursivamente e o essencialismo é uma operação que remete à ideia de que haveria identidades fixas. Deve-se, portanto, atentar ao risco de se construir sujeitos ao descrever suas experiências em termos de uma identidade essencializada. Ao abordar processos de produção de identidade, Scott (1998) insiste no caráter discursivo da experiência e na política de sua construção. Portanto, as identidades produzidas pela experiência devem ser historicizadas e não fixadas em uma posição de subordinação.

Erving Goffman (1988, 2008) teorizou acerca da identidade social, o estigma e a carreira moral dos indivíduos estigmatizados, em uma perspectiva construcionista. O livro *Manicômios, prisões e conventos* foi publicado pela primeira vez em 1961, como resultado de trabalho de campo sociológico realizado nos Estados Unidos entre 1954 e 1957 acerca das instituições asilares (GOFFMAN, 2008). Essas instituições (manicômios, prisões e conventos) são igualmente o objeto de atenção de Maura Lopes Cançado.

A loucura é objeto de discursos e sustenta discursos sobre si mesma. Na História da Loucura, de Michel Foucault (2005), temos:

Igualmente na literatura erudita a Loucura está em ação, no âmago mesmo da razão e da verdade. [...] A Loucura também tem seus jogos acadêmicos: ela é objeto de discursos, ela mesma sustenta discursos sobre si mesma; é denunciada, ela se defende, reivindica para si mesma o estar mais próxima da felicidade e da verdade que a razão, de estar mais próxima da razão que a própria razão (FOUCAULT, 2005: 14-15).

Analisando os processos de apropriação dos discursos, Foucault (2012) aponta quem tem o direito de falar – e a competência para compreender. O discurso econômico, o discurso médico ou o discurso literário jamais foram um discurso comum e estão reservados de fato a um grupo determinado de indivíduos. O discurso é, portanto, um bem, que tem suas condições de apropriação e de utilização, e que coloca, desde sua existência, a questão do poder: um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política (FOUCAULT, 2012). Nessa passagem, Foucault aponta para a

genealogia do poder, que analisa as relações de poder, as práticas discursivas e as lutas sociais. O autor reafirma: “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder de que queremos nos apoderar” (FOUCAULT, 2006:10).

Em obras como *Vigiar e Punir*, Foucault (1987) passa a analisar o saber em termos de estratégias e táticas de poder. O saber é, desse modo, situado no âmbito das lutas, não entendidas como uma simples oposição, mas como relações de poder. Para Foucault, a genealogia do poder seria, então, em relação ao projeto de inscrição dos saberes na hierarquia do poder próprio da ciência, uma espécie de empreendimento para dessujeitar os saberes históricos e torná-los livres, isto é, capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico unitário, formal e científico. Portanto, destacam-se os eixos discurso/poder, práticas discursivas/enfrentamentos de poder (CASTRO, 2009). Isso é, sobretudo, verdadeiro em relação ao discurso científico da psiquiatria, saber esse revestido pelo poder médico; contudo, outros discursos, históricos, trazem saberes capazes de interpelar o poder próprio da ciência.

Analisar um discurso implica articular texto e contexto (MACHADO, 2010; CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008). No mesmo sentido, “a análise do discurso relaciona os enunciados com seus contextos” (MAINGUENEAU, 2006: 33). A presente análise, inspirada na descrição arqueológica de Foucault (2012), permite que apareçam relações entre as formações discursivas e domínios não discursivos, que são históricos, tais como instituições, acontecimentos políticos e processos econômicos.

Para tanto, o autor selecionado deve ser colocado em foco, investigando-se o local e a época em que ele viveu, bem como acontecimentos sociais, políticos e econômicos que o impactaram (MACHADO, 2010). Ele é visto como um porta-voz de seu tempo, como um enunciador que fala de determinado lugar e posição, ao se endereçar a leitores ou interlocutores específicos, que compartilham a mesma comunidade discursiva e participam da mesma história coletiva.

O contexto histórico das instituições psiquiátricas

A existência das instituições psiquiátricas é o pano de fundo da escrita de Maura Lopes Cançado. Na obra de referência de Michel Foucault, *História da Loucura*, afirma-se: “Antes de ter o sentido médico que lhe atribuímos, ou que pelo menos gostamos de supor que tem, o internamento foi exigido por razões bem diversas da

preocupação com a cura” (FOUCAULT, 2005: 63). Várias dessas razões para o asilamento eram de cunho moral, como ociosidade, por exemplo. Nos dias de hoje, a loucura é capturada pelo saber médico, que passa a deter sua exclusividade, por meio do diagnóstico e medicalização.

O prefácio de Foucault para a primeira edição da sua história da loucura, lançada na França em 1961, foi suprimido de algumas edições posteriores, mas contém importantes ideias para a presente discussão. Foucault (1999) afirma que, no mundo da doença mental, o homem moderno não se comunica mais com o louco, pois delega para a loucura o médico, autorizando apenas um relacionamento através da universalidade abstrata da doença. A linguagem da psiquiatria passa a ser o monólogo da razão sobre a loucura.

O filósofo afirma que a loucura seria nada mais do que a ausência de obra, dado que o homem ocidental recusa a loucura. A palavra do louco, ou a não razão, não seria linguagem, não seria obra, portanto não teria direito a tomar lugar na história: “Que peso têm [...] todas essas formulações vãs, todos esses dossiês de delírio indecifrável que o acaso das prisões e das bibliotecas lhe justapuseram? (FOUCAULT, 1999:156).”

Estabelece-se, assim, a distância entre a razão e não razão na nossa cultura. O autor se pretende a uma história não da psiquiatria, mas da própria loucura, em sua vivacidade antes de toda captura pelo saber. Propõe uma passagem da experiência medieval da loucura a esta experiência que é a nossa, e que confina a loucura na doença mental (FOUCAULT, 1999).

Desta maneira, identifica em nossa sociedade um princípio de exclusão que diz respeito à oposição entre razão e loucura. Desde a Idade Média, o discurso do louco não podia circular como o dos outros e suas palavras não eram nunca recolhidas nem escutadas. Poderíamos afirmar que isso está em vias de desaparecer, mas basta pensar em todo o aparato de saber mediante o qual deciframos essa palavra do louco, como a rede de instituições que permite a alguém – médico, psicanalista – escutar essa palavra e que permite ao paciente vir trazer sua palavra, para supor que a separação, longe de estar extinta, se exerce de outro modo (FOUCAULT, 2006).

A aplicação dos princípios metodológicos da arqueologia do saber ao tema da história da loucura pode ser compreendida da seguinte maneira. Foucault (2012) destaca que a questão central da *História da Loucura* foi o aparecimento, no início do século XIX, de uma disciplina psiquiátrica. Interroga o que a tornou possível na época que apareceu, notando que não houve nenhuma disciplina anterior. O que a possibilitou foi

todo um conjunto que caracteriza, para essa prática discursiva, a formação de seus enunciados: “um jogo de relações entre a hospitalização, a internação, as condições e os procedimentos da exclusão social, as regras da jurisprudência, as normas do trabalho industrial e da moral burguesa” (FOUCAULT, 2012: 215). No entanto, apesar da ausência de uma disciplina anteriormente instituída, uma prática discursiva com sua regularidade e consistência era empregada. Foucault ressalta a presença dessa prática discursiva na medicina, nos regulamentos administrativos, textos literários ou filosóficos, projetos de trabalho obrigatório ou de assistência aos pobres. Assim, o autor articula as relações entre a hospitalização, a internação e os procedimentos da exclusão social (FOUCAULT, 2012).

Maura Lopes Cançado: vida e obra

A enunciativa do discurso, Maura Lopes Cançado, é uma mulher branca, rica, considerada louca e, portanto, subalternizada. Para se proceder à análise do livro *Hospício é Deus*, a autora será primeiramente enfocada. Grande parte da presente pesquisa sobre a escritora foi baseada na tese de doutoramento de abordagem biográfica realizada por Maria Luisa Scaramella (2010a). Esse trabalho parte da sobreposição de diferentes narrativas biográficas construídas sobre Maura e suas próprias narrativas autobiográficas, apresentando repetições, descontinuidades e contradições (SCARAMELLA, 2010a).

A pesquisadora reuniu narrativas sobre ela que mostram uma vida que se deu mais por desvios do que por caminhos constantes. Dela se guardam raras circunstâncias ou fragmentos biográficos, ora de uma heroína de romance, ora de uma escritora errante envolta pelo véu da loucura. Aqueles entrevistados pela pesquisadora comumente acionaram esses tipos de memórias, como pequenas anedotas sobre sua vida, descolados do restante da narrativa principal (SCARAMELLA, 2010a). Além dessa referência, foram consultados diversos textos escritos por colegas jornalistas e amigos de Maura, narrativas da própria escritora, além de artigos mais recentes de outros pesquisadores.

Maura Lopes Cançado nasceu em 27 de janeiro de 1929 no atual município de São Gonçalo do Abaeté, no Alto São Francisco, Minas Gerais (MG), na próspera fazenda de sua família, que teve grande importância social na região e destaque na política mineira e nacional (SCARAMELLA, 2010a). Em sua obra, descreve a infância passada na fazenda e analisa os precoces embates em seu mundo interior. Os termos

utilizados em *Hospício é Deus* denotam o contexto religioso e católico de Maura, oriunda de uma tradicional família mineira, moralista e elitista. Ela cursou o primário em Patos de Minas (MG), em regime de internato.

Aos quatorze anos, Maura resolveu tirar o brevê de aviadora e para tal passou a frequentar um aeroclube em Bom Despacho. Ela era a única moça que participava do curso. Ali conheceu o jovem de dezoito anos com quem iria se casar, Jair Praxedes, filho de um coronel do exército. Ela engravidou logo após o casamento, realizado apenas no religioso, e deu à luz o menino “Cesarion”. Seu casamento terminou quando tinha apenas quinze anos de idade, ano também marcado pela morte do pai. A união durou doze meses (SCARAMELLA, 2010a, 2010b).

Maura procurou concluir seu curso de aviação, com o apoio da família. Tinha dezesseis anos quando foi presenteada por sua mãe com um avião Paulistinha CAP-4, no qual gravou o nome “Cesarion” em homenagem ao filho (COELHO; MARRECO, 2008). O curso de piloto foi interrompido, pois um de seus amigos teria destruído o avião em uma aterrissagem de emergência.

Foi então para Belo Horizonte (MG) com a intenção de estudar, deixando o filho com sua mãe. Matriculou-se em um colégio de elite para moças, mas “na última hora não foi aceita, pois era uma moça separada e com um filho” (SCARAMELLA, 2010a: 3). Os trechos autobiográficos do livro que tratam de sua adolescência revelam uma situação estigmatizada para uma mulher de sua época e lugar, a conservadora Minas Gerais das décadas de 1940 e 1950, o que a impediu de prosseguir seus estudos e concluir o curso de professora. Maura usa o termo “estigma” para referir-se ao fato de ter sido “casada e separada do marido” (CANÇADO, 1979: 67). Nessa época, via-se insegura, esperando ser lançado em seu rosto o seu estigma. Descrevendo a fase de sua vida que antecede a internação na qual escreveu o diário, afirma: “É, portanto, a metade do meu álbum: apresentei a moça de dezesseis anos, bonita, rica, aviadora: sem futuro - mas uma grande promessa” (CANÇADO, 1979: 27-28).

Nessa época, Maura se descrevia como introvertida e temerosa da rejeição. Estava magra, doente, nervosa e sem sono. Foi então, aos vinte anos de idade, que teria se internado voluntariamente, pela primeira vez, após uma tentativa de suicídio, na Casa de Saúde Santa Maria, clínica psiquiátrica privada que havia sido recentemente inaugurada em um tradicional bairro de classe média alta da cidade (SCARAMELLA, 2010a, 2010b). Saiu da clínica após um mês, pois sua mãe se recusou a continuar

pagando as elevadas despesas. Essa passagem foi o começo de uma errância por hospitais psiquiátricos, que duraria toda sua vida.

Depois dessa primeira internação, afirma ter gasto toda a herança paterna (CANÇADO, 1979). Em seguida, sem dinheiro nem perspectivas na cidade de Belo Horizonte, decidiu viver no Rio de Janeiro e dedicar-se à escrita. Depois de um ano no Rio, ela tentaria, novamente, se matar, em 1957 (SCARAMELLA, 2010a), com "forte dose de barbitúricos" (CANÇADO, 1979: 47), quando teria sido internada no hospício do Engenho de Dentro. Maura procurara por iniciativa própria o Hospital Gustavo Riedel do Centro Psiquiátrico Nacional do Engenho de Dentro, mesmo sabendo que ele era considerado um hospício de indigentes, afirmando: "Também sou indigente" (CANÇADO, 1979: 197). Ela nota que o número de internadas negras era bem maior que o de brancas, parecendo-lhe ser uma das mais claras.

Após essa internação, Maura relata ter começado a trabalhar no prestigioso Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, em 1958. Seus escritos chegaram até Assis Brasil, que coordenava a seção "O contista novo", desse suplemento, que era um espaço vanguardista para a expressão da nova geração de poetas, literatos e críticos de destaque no cenário nacional. Passou a colaborar com o jornal, onde teve como colegas jornalistas e escritores de renome tais como Reynaldo Jardim, Ferreira Gullar, Assis Brasil, Sebastião de França, José Louzeiro e Carlos Heitor Cony. Publicou regularmente os seus contos no jornal entre 1958 e 1961 (SCARAMELLA, 2010a), quando o Suplemento já havia tomado a forma do Caderno B de cultura com um formato editorial inovador.

Maura havia estreado em agosto de 1958 com uma poesia em um canto da página do Suplemento. Em novembro de 1958, o conto "No quadrado de Joana" foi publicado. Falava de uma paciente catatônica que conhecera no Centro Psiquiátrico Nacional do Engenho de Dentro. Ela se nutria literariamente de sua experiência de convivência com o sofrimento mental. Maura colaborou para o Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil* entre 1958 e 1961. No mesmo período, escreveu também para o respeitável periódico oposicionista *Correio da Manhã*. Paralelamente, sucessivas crises a levaram a buscar internações psiquiátricas no Rio de Janeiro, cuja frequência e duração aumentavam (SCARAMELLA, 2010a).

Após uma briga no jornal em 1959, foi internada pela terceira vez no conhecido Hospital do Engenho de Dentro (SCARAMELLA, 2010b). Assim o descreve:

Esta cidade se compõe de seis edifícios, abrigando, normalmente, creio, dois mil e quinhentos habitantes (não estou bem certa do número). Doentes mentais, ou como tais considerados. Além do hospital onde me encontro existem: IP (Instituto de Psiquiatria), onde se fazem internações (estive lá dois meses. É caótico.) Bloco Médico-Cirúrgico, Isolamento (Hospital Braule Pinto – doenças contagiosas, tuberculose principalmente), Hospital Pedro II e Instituto de Neuropsiquiatria Infantil. (...) Há também o Serviço de Ocupação Terapêutica do Centro. Serve, ou devia servir, a todos os hospitais (CANÇADO, 1979:33).

No Hospital Gustavo Riedel do Engenho de Dentro, entre os meses de outubro de 1959 e março de 1960, ela redigiu seu diário, quando completou trinta e um anos de idade, que viria a ser publicado cinco anos depois. Os contos que haviam sido lançados no *Jornal do Brasil* e no *Correio da Manhã* viriam a ser publicados na coletânea *O sofredor do ver*, seu segundo e último livro, em 1968. Um artigo da própria escritora, intitulado "Quem é Maura Lopes Cançado? - a vida pela arte" foi divulgado quando do lançamento do seu livro de contos (CANÇADO, 1968b).

Ela também trabalhou como escrevente datilógrafa no Ministério da Educação, no Rio de Janeiro. Permaneceu nesse trabalho, como funcionária pública, por oito anos, sempre entre uma licença e outra para se internar ainda às custas do IPASE, o extinto Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado. Já nos anos 1970, a ajuda viria dos amigos e, depois, de seu filho, Cesarion, com quem morou por alguns períodos na cidade do Rio de Janeiro. Ele acompanhava e custeava as internações da mãe, algumas pela via de convênios médicos, tendo também intercedido por ela no decorrer do processo penal que Maura veio a responder posteriormente, documento este recuperado por Scaramella (2010a).

Em 11 de abril de 1972, Maura, em um momento de crise, matou uma das pacientes que se encontrava na enfermaria, durante uma internação no Hospital Casa de Saúde Dr. Eiras, no Rio de Janeiro. Esse episódio foi descrito, por jornalistas e conhecidos, das mais diversas maneiras, com discontinuidades, imprecisões e contradições. Conforme Scaramella (2010a), baseando-se em cópia do processo penal ao qual teve acesso, naquela enfermaria coletiva, Maura tinha contato com as outras pacientes e podia circular livremente. Recolheu-se à noite e, cerca de três horas depois, foi até o consultório médico, dizendo à "servente" ali presente, sem rodeios, que havia matado uma das pacientes. "Segundo o laudo do Instituto de Criminalística, a jovem foi morta por estrangulamento, tendo sido utilizado uma faixa de tecido rasgada de um lençol, mas não apresentava sinais de luta" (SCARAMELLA, 2010a: 26). O médico plantonista relatou que Maura assumiu a responsabilidade pela morte da jovem paciente

e que, a título de justificativa, afirmou que "queria mudar de casa de saúde e que havia chegado à conclusão que matando alguém seria a melhor maneira de conseguir isto, uma vez que assim teria certeza de que seria transferida para um manicômio judiciário (Processo penal, fl. 25)." (SCARAMELLA, 2010a:26).

Maura foi julgada pelo Tribunal do Júri e, em 15 de outubro de 1974, considerada inimputável - incapaz de responder ao caráter criminal dos fatos cometidos. O juiz aplicou uma medida de segurança de internação em um estabelecimento psiquiátrico judiciário com uma duração de seis anos. No entanto, à época, o manicômio judiciário do estado do Rio de Janeiro não aceitava mulheres e as clínicas e hospitais psiquiátricos particulares se recusavam a recebê-la. Maura foi então enviada à Penitenciária Lemos de Brito, no Rio de Janeiro (RJ). Depois de cumprido o tempo de seis anos, foi convocada pela Justiça para novo exame de sanidade mental e periculosidade, sendo libertada em abril de 1980. No entanto, Maura nunca teve a medida de segurança suspensa legalmente, passando o resto de sua vida, do ponto de vista da Justiça, em "liberdade vigiada" (SCARAMELLA, 2010a).

O escritor Carlos Heitor Cony publicou um artigo na *Folha de São Paulo*, em 2007, no qual traçava lembranças e impressões sobre a literatura da colega. Cony (15 jun. 2007) relata que Maura havia procurado sua ajuda para escrever um romance e ele doara-lhe uma máquina de escrever, o que resultou justamente na escrita de *Hospício é Deus*. No entanto, o escritor afirmou que, em duas de suas crises mais violentas, ela teria matado uma enfermeira e um namorado (CONY, 15 jun. 2007). No entanto, em sua pesquisa biográfica de doutoramento, Scaramella (2010a) apresenta outra versão do homicídio de uma paciente, com base na documentação do processo criminal enfrentado por Maura, acima mencionado.

As narrativas acerca de como Maura começou a escrever no Suplemento Literário do *Jornal do Brasil* também se sobrepõem e se contradizem e ilustram o imaginário acerca de uma pessoa marcada pela loucura. Assis Brasil conta que ela morava na mesma pensão que Sebastião de França, que a teria apresentado a Assis Brasil na sede do Suplemento, assinalando o início da sua colaboração (SCARAMELLA, 2010b).

Por sua vez, João da Penha (1976), que fora amigo de Maura, apresenta a versão de que ela havia escrito seu conto num papel de embrulhar pão e que este texto fora entregue à colega de trabalho Alice Barroso, que o teria datilografado e levado à

redação do JB pela primeira vez (PENHA, 1976). Cançado (1968b) confirma que entregou seu manuscrito para essa colega que o datilografou, pois escrevia seus contos a lápis no hospício, mas depois passou a datilografá-los para as seguintes publicações.

A jornalista Margarida Autran (20 jun. 1977) publicou a reportagem "Ninguém visita a interna do cubículo 2" no jornal *O Globo* em 20 de junho de 1977. Ela fora entrevistar Maura naquele ano, quando a escritora estava detida no Hospital Penal da Penitenciária Lemos de Brito. Encontrou-a cega, num cubículo imundo e infestado de percevejos, abandonada pelos amigos e esquecida pelos que a apontaram como a melhor escritora do revolucionário ano de 1968, pelo seu livro *O sofredor do ver* (1968a). Estava física e psiquicamente doente, envelhecida, desnutrida, com olhos e dentes exigindo cuidados imediatos e sem nenhum tratamento psiquiátrico. O banho de sol lhe era negado e seu único contato com o mundo era um radinho de pilha; havia meses que ninguém a visitava.

Essa reportagem sobre a situação de Maura repercutiu no sentido de mobilizar seus antigos colegas jornalistas. José Louzeiro e outros do Sindicato dos Escritores do Município do Rio de Janeiro se prontificaram, à época, a pagar uma clínica psiquiátrica particular para ela. Operou os olhos, provavelmente atingidos por catarata, voltando a enxergar. De fato, ela permaneceria nessa nova clínica até o prazo final de sua medida de segurança, em abril de 1980 (SCARAMELLA, 2010a).

Ela foi então morar em um apartamento alugado pelo filho, no bairro de Laranjeiras, no Rio de Janeiro, entre uma internação e outra, sem jamais voltar a escrever (SCARAMELLA, 2010b). Nos últimos anos, com a saúde debilitada pela asma e por não aceitar parar de fumar, passou a ser constantemente internada no Centro de Terapia Intensiva (PINHEIRO, 1994). No final de novembro de 1993, Maura faleceu vítima de insuficiência respiratória (COELHO; MARRECO, 2008), decorrente de “doença pulmonar obstrutiva crônica” (SCARAMELLA, 2010a), aos 64 anos de idade, no Rio de Janeiro (RJ).

O contexto histórico da obra *Hospício é Deus* e os manicômios brasileiros

Maura escreveu seu diário entre os anos de 1959 e 1960. Os chamados anos de ouro, na segunda metade dos anos 1950 e a primeira parte da década de 1960, foram especialmente esperançosos e otimistas no Brasil, durante a era dos presidentes Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart. Foi quando o Brasil esteve mais inteligente do que nunca, com um cenário cultural vibrante, que incluía a bossa nova e o

cinema novo. Acentuava-se a urbanização, a política externa era aparentemente independente, reformas foram implementadas sob o *slogan* “cinquenta anos em cinco”, houve o nascimento de Brasília e os latifúndios pareciam recuar frente à possibilidade da reforma agrária, ainda que a instabilidade econômica e política fossem marcantes e não se pudesse imaginar o que viria pela frente, com a ditadura militar. Os chamados anos de ouro culminariam com os anos de chumbo entre 1964 e 1985, e o país seria soterrado pela ditadura militar por vinte anos de arbítrio (BUENO, 2003).

A publicação de *Hospício é Deus* ocorreu em 1965, ano seguinte ao golpe militar que implantaria a ditadura no Brasil. Grande parte das internações psiquiátricas de Maura Lopes Cançado ocorreram durante o autoritarismo do período militar no Brasil. Seu diário se encerrou no começo dos anos 1960, mas a pesquisa histórica e documental sobre sua vida permite destacar o assassinato de uma paciente em 1972, o que resultou na decretação pela Justiça de uma medida de segurança contra Maura em 1974, por seis anos. Ela permaneceria em uma clínica particular até o final do cumprimento da medida no ano de 1980. A publicação do segundo e último livro de Maura, *O sofredor do ver*, coincidiu com o decreto do Ato Institucional nº 5 no ano de 1968, que recrudesceu a repressão do regime militar.

Hospício é Deus é testemunho do tratamento da loucura entre os anos 1950-1960 e nos anos subsequentes: os incipientes métodos terapêuticos, a Psiquiatria ortodoxa e uma Psicoterapia ainda precária (SENRA, 1991). O isolamento e a exclusão eram a principal resposta de um sistema que convertera a loucura em uma mercadoria, que alimentava um mercado cruel e sustentado pelos recursos previdenciários. Suas principais características eram a superlotação dos hospitais psiquiátricos, iatrogenia, cronificação e altos índices de mortalidade (GOULART, 1992; 2006).

Entende-se por reforma psiquiátrica "um processo histórico de formulação crítica e prática, que tem como objetivos e estratégias o questionamento e elaboração de propostas de transformação do modelo clássico e do paradigma da psiquiatria" (AMARANTE, 1998: 87). O processo da reforma psiquiátrica surgiria mais concretamente a partir da conjuntura de redemocratização no fim da década de 1970, mas sem ainda tocar os manicômios (AMARANTE, 1998). Os frutos seriam colhidos, nacionalmente, apenas após o final dos anos 1990, com a implementação em todo o país dos serviços substitutivos de saúde mental com base territorial, como parte integrante da política de saúde pública.

Esse processo vinha ocorrendo de forma pontual, conforme Tenório (2002), já no final da década de 1980, com duas experiências institucionais bem-sucedidas que traziam um novo tipo de cuidado em saúde mental. Esses marcos inaugurais e paradigmáticos são o Centro de Atenção Psicossocial Professor Luiz da Rocha Cerqueira, em São Paulo e, mais fortemente, no início dos anos 1990, o processo exemplar de reforma psiquiátrica empreendido no município de Santos, que culminou com a implementação de um Programa de Saúde Mental organizado em torno dos então criados Núcleos de Atenção Psicossocial, de base territorial. A partir de então, surgem experiências renovadoras com resultados iniciais positivos em outras regiões do país, como o Rio de Janeiro (TENÓRIO, 2002).

A história da reforma psiquiátrica brasileira teve como um dos seus estopins o episódio que ficou conhecido como a Crise da DINSAM (Divisão Nacional de Saúde Mental), órgão do Ministério da Saúde responsável pela formulação das políticas de saúde do subsetor saúde mental. Os profissionais das quatro unidades da DINSAM, todas no Rio de Janeiro, deflagraram uma greve, em abril de 1978, seguida da demissão de profissionais e estagiários. Essas unidades eram: Centro Psiquiátrico Pedro II; Hospital Philippe Pinel; Colônia Juliano Moreira; e Manicômio Judiciário Heitor Carrilho. Os profissionais trabalhavam em condições precárias, em clima de ameaças e violências a eles próprios e aos pacientes dessas instituições, com constantes e graves denúncias de agressão, estupro, trabalho escravo e mortes não esclarecidas (AMARANTE, 1998). Por muitos meses, essas reivindicações de providências e reforma ocuparam espaço na imprensa (AMARANTE, 1998; GOULART, 2006).

Ao procurar entender a função social da psiquiatria e suas instituições, para além de seu papel médico-terapêutico, o MTSM - Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental auxiliou na construção de um pensamento crítico mais amplo. Partiu do conceito de desinstitucionalização (AMARANTE, 1998), com inspiração no modelo de luta anti-institucional italiano (GOULART, 2007). No período denominado início do movimento da reforma psiquiátrica, compreendido entre os anos 1978 e 1980, destacam-se diversas instituições, entidades, militâncias e movimentos envolvidos com a formulação das políticas de saúde mental no Brasil. Dentre os vários atores, inclui-se o MTSM (AMARANTE, 1998), mas vale lembrar que diversas perspectivas teóricas e políticas estiveram presentes nesse processo.

A reforma psiquiátrica brasileira teve seu início, portanto, na oposição às instituições psiquiátricas excludentes. O movimento de luta antimanicomial trouxe o

objetivo de denunciar a violência à qual estavam expostas pessoas que sofriam de transtornos mentais graves, afirmando que os manicômios e todas suas variações se apoiam na premissa de que os doentes mentais devem ser afastados do convívio comunitário a título de tratamento e recuperação, e submetidos a um tratamento quase sempre crônico (GOULART, 1992, 2006). Nota-se, historicamente, a passagem de uma assistência com tendência ao descaso e à exclusão, para um paradigma no qual a pessoa em sofrimento mental é vista como um cidadão, titular de direitos.

O depoimento de Maura nos projeta no cenário contra o qual a reforma psiquiátrica brasileira se erigiu: as condições de abandono e violência em que se encontravam as pessoas com sofrimento mental nas clínicas e hospitais psiquiátricos públicos e privados, nos manicômios judiciários e nos presídios brasileiros. A condição final de inimizabilidade pela aplicação de uma medida de segurança selou, no entanto, destino ainda pior que o da cronificação, condenando-a à inserção na carreira do louco infrator, o que ainda hoje constitui uma grave questão de violação de direitos humanos.

O discurso da loucura em *Hospício é Deus*

Hospício é Deus possuía três edições: 1965, por José Álvaro Editor; 1979, pela Editora Record e 1991, pelo Círculo do Livro. A edição utilizada na presente análise é a datada de 1979. Após estar esgotado por duas décadas, o livro *Hospício é Deus* foi relançado em 2015, em uma edição especial, juntamente com a coletânea de contos *O sofredor do ver*, pela Editora Autêntica.

Qual discurso da loucura pode ser apreendido a partir da obra *Hospício é Deus*, de Maura Lopes Cançado? A essa pergunta buscamos responder ao longo da seguinte análise. O texto foi inicialmente percorrido com o termo-pivô "loucura". Ele remete a outros termos correlatos, tais como louca, doente mental, esquizofrênica, etc. O pronome "eu" também foi usado como marcador relevante, na medida em que possibilita revelar questões identitárias, sobretudo relacionadas à loucura. Dentre os marcadores ou pontos de referência, outros termos surgem depois das primeiras leituras do corpus: hospício, hospital, tratamento, médico, enfermeira, guarda, etc.

Como Maura define a loucura? Logo na primeira parte do livro, após o trecho inicial autobiográfico e antes do início do diário propriamente dito, Maura associa loucura à eternidade e à santidade, considerando o louco divino, enquanto os doentes mentais, a maioria daqueles que estão no hospício, lutariam contra a doença e a morte,

perdendo seu lugar no mundo. Não considera que ela própria venha a alcançar este estado de santidade da loucura, mas se indaga se já não se encontraria nesta iniciação.

Tal discurso da loucura pode ser apreendido das seguintes sequências discursivas, destacadas a partir do termo-pivô loucura (loucos, doentes mentais, louca): “O que me assombra na loucura é a distância - os loucos parecem eternos. [...] Hoje, junto dos loucos, sinto certo descaso pela morte [...]. Ainda que só diante do louco tenha experimentado a sensação de eternidade. [...] O louco é divino, na minha tentativa fraca e angustiante de compreensão.” (CANÇADO, 1979: 28). “Estar internado no hospício não significa nada. São poucos os loucos. A maioria compõe a parte dúbia, verdadeiros doentes mentais. [...] Se existe vergonha é na luta: perder o lugar no mundo, afetividade, direitos (direitos?). [...]. Transposta a barreira, completamente definidos, passam a outro estado - que prefiro chamar de Santidade. [...] embora todos tenhamos de morrer um dia, poucos alcançam a santidade da loucura (e quem prova estar o louco sujeito à morte, se passou para uma realidade que desconhecemos)” (CANÇADO, 1979: 29). “Não creio que venha a me tornar louca” (CANÇADO, 1979:29).

Ela inicialmente tenta situar a loucura nos termos de distância e eternidade. Em sua tentativa de expressão, considera o louco divino e atemporal. Nota-se uma versão mítica, mística e idealizada do louco e da loucura, que não encontrará ressonância na realidade imediata e opressiva do hospício. Assim tenta desfazer essa contradição: o louco é visto em oposição ao doente mental. Ela distingue "o louco", visto aqui como um ideal místico, dos "doentes mentais". Estar internado no hospício não confere a todos a essência de "louco". Estes são poucos. Em sua concepção, a maioria dos internados luta contra a doença mental: não se rendem. Esses doentes mentais também lutam contra a morte, perdem o lugar no mundo, perdem afetividade e direitos. No seu entendimento, apenas ao transporem as barreiras materiais atingiriam outro estado mais digno, que ela optar por chamar de santidade. Poucos alcançariam a santidade da loucura, e talvez o louco nem estivesse mesmo sujeito à morte, por fazer parte de uma realidade desconhecida por todos: misteriosa. Maura marca aqui uma alteridade, na qual não se inclui: eles são os "loucos" que, de tão grandes, a humilham. No entanto, não acredita que ela própria vá atingir esse estado santificado de louca. Destaca-se, portanto, uma visão transcendente da loucura.

Antes da emergência da disciplina da psiquiatria, vários discursos sobre a loucura eram proferidos pelos mais distintos campos do saber, além da medicina, como a filosofia, a literatura, as artes plásticas, o mundo do direito e da moral, a religião e a

caridade cristã (FOUCAULT, 2005). A perspectiva trágica da loucura no entender de Maura Lopes Cançado pode ser contrastada com a concepção religiosa e histórica descrita pelo autor: “Ascender, pelo espírito, até Deus, e sondar o abismo insensato em que estamos mergulhados constitui uma única coisa; na experiência de Calvino, a loucura é a medida própria do homem quando é este comparado à razão desmesurada de Deus.” (Foucault, 2005: 30).”

No campo das ideias, a loucura gradativamente torna-se uma forma relativa à razão, até que os loucos sejam confinados ao internamento (FOUCAULT, 2005). No mundo da doença mental, a loucura é delegada para o campo do saber médico, e qualquer relacionamento com ela passa a se dar tão somente através da doença.

São muitos os rótulos relacionados à loucura. Em seu diário de hospício, Maura está constantemente colocando questões ligadas à sua identidade. Ela se debate com questões relacionadas a ser, não ser, se tornar ou dizerem que é - louca. Está às voltas com definições como louca, irracional, esquizofrênica, paranoica, epilética, personalidade psicopática, psicose maníaco-depressiva, etc. Muitas passagens ilustram essa questão, a partir dos termos-pivô relacionados à loucura: “Olhou-me como seu eu fosse um irracional, nada me perguntou” (CANÇADO, 1979: 32). “– [...] Por que ficarei aqui, não sou louca!” Mentia descaradamente, meu emprego no jornal está perdido, não tenho para onde ir [...]” (CANÇADO, 1979: 38). “Não possuo nenhum equilíbrio emocional. Passo de grande exaltação para profunda depressão. Gasto-me desesperadamente (não me esquecer de que sou vítima de disritmia cerebral)” (CANÇADO, 1979: 40). “A personagem deste conto é uma esquizofrênica em último grau. Terei me retratado aí? [...] – Esta é PP. Não há dúvida. PP quer dizer Personalidade Psicopática. Não entendi a sigla, mas senti naquele médico, no seu ar irreverente, mesmo deboche, profunda falta de respeito à minha pessoa” (CANÇADO, 1979: 43). “Serei mesmo PP? [...]. Agora possuo um rótulo, até mesmo bonito: Personalidade Psicopática. [...] Isso me marginalizou de todo. Na minha ficha do hospital meu nome não tem valor. A ficha tem a finalidade de acrescentar mais uma psicopata para a estatística. Estou todo dia lendo e relendo um livro [...]: Psiquiatria Clínica e Forense – [...] DEMÊNCIA PRECOCE (ESQUIZOFRENIA). [...] Aí estou eu retratada. [...] Mas não quero aceitar isso. Recuso-me a ser psicopata” (CANÇADO, 1979: 158). “E sou apenas um prefixo no peito do uniforme. Um número a mais. À noite, em nossas camas, somos contadas como se deve fazer com os criminosos nos

Presídios” (CANÇADO, 1979: p. 60). “[...] desconheço até meu diagnóstico. Creio haver divergência a este respeito. Os médicos são tão complicados. Costumam discordar uns dos outros e acabam nos pondo loucas” (CANÇADO, 1979: 90). “Conheço muito bem as "auras" epiléticas. Elas me são cotidianamente familiares, impedem-me grandes trabalhos intelectuais. Estes sintomas indescritíveis formam quase meu dia-a-dia [...] Mais uma vez ponho em dúvida a convicção de Dr. A., segundo a qual não sou epilética. A que atribuir tudo isto que sinto?” (CANÇADO, 1979: 135). “Depois de sair do primeiro choque de Insulina, quis ver-me no espelho. [...] Olhei-me, constateei estar vestida apenas com uma belíssima camisola transparente. Simultaneamente, vi grades. Consciência imediata da minha situação: estava louca, ou sendo tratada como tal. Era uma prisão. Gritei com desespero” (CANÇADO, 1979: 151).

Maura se debate ao longo de toda a obra com o rótulo da loucura. Faz um retorno à sua infância buscando a origem do que considera um temperamento paranoide, das crises epiléticas ou até mesmo de uma esquizofrenia. Descreve ao longo do seu diário de internação como se sentia muitas vezes: lúcida, com seu "cérebro vertiginoso" e como caía na "ausência - nenhum sentimento" (CANÇADO, 1979: 80). Ou então era "tomada de completa depressão" ou "muita exaltação" (CANÇADO, 1979: 108). Por fim, não consegue fechar seu próprio diagnóstico e reconhece que há divergências médicas a respeito deste, fato que considera por si só enlouquecedor. Ressente-se de ser julgada como uma irracional, muitas vezes por médicos indiferentes. Sente-se classificada como um número a mais para as estatísticas. Em outros momentos, considera que estava bem equipada com seus rótulos, mas volta a questioná-los, pois são esses rótulos que negam valor à sua individualidade: “Terminarei pela vida como essas malas, cujos viajantes visitam vários países e em cada hotel por onde passam lhes pregam uma etiqueta: Paris, Roma, Berlim, Oklahoma. E eu: PP, Paranóia, Esquizofrenia, Epilepsia, Psicose Maníaco-Depressiva, etc. Minha personalidade mesma será sufocada pelas etiquetas científicas” (CANÇADO, 1979: 44). “Dr. A. despreza rótulos: “– Somos todos loucos em estado latente. Trazemos em nós componentes de todas as doenças mentais [...]. Medito sobre isto: eu andava, até conhecê-lo, muito bem equipada com os dois rótulos dados por Dra. Sara: Personalidade Psicopática e Epilética. [...] Vejo-me perdida: serei louca? Se não o sou, por que não me comporto com as outras pessoas?” (CANÇADO, 1979:144-145).”

Tem consciência de ser marginalizada por causa dos rótulos a ela atribuídos. Não acredita que o rótulo de louca seja suficiente para dar conta de sua identidade.

Maura não consegue se definir tão somente como louca. Observa que, mesmo dentro do hospital, sua posição a marginalizava: “Não frequento o pátio e isto me dá, ainda aqui, e usando o uniforme do hospital, a sensação de estar à margem” (CANÇADO, 1979: 77). “Porque, mesmo aqui, ainda sou uma marginal” (CANÇADO, 1979: 79).

É o discurso científico que rotula Maura, captura, submete e sufoca sua identidade. Para Foucault (2012), os mais diversos saberes foram inscritos na hierarquia do poder próprio da ciência. A análise das relações de poder permite tornar os saberes históricos livres, ou seja, capazes de lutar contra a coerção de um discurso teórico unitário, formal e científico. É desse modo que se operam as relações entre a hospitalização, a internação e os procedimentos da exclusão social (FOUCAULT, 2012).

Mas, afinal, o que é o hospício para Maura? O título do livro se constitui pelo enunciado “Hospício é Deus”. A escritora tenta defini-lo em diversas ocasiões. Numa passagem inicial, de forte carga literária e poética, ela dá o tom de perplexidade por estar no hospício, esclarecendo o título: “Hospício é deus” (sic) ou “Hospício é não se sabe o quê”, pois escapa à sua capacidade de compreensão e representa o que não se pode conhecer ou definir, aquilo que é inominável.

Uma vez mais, ela se conduz voluntariamente ao que chama de “cidade triste” e, não obstante, se vê cercada pelo desconhecimento. Ela se questiona pelos motivos que ali a levaram, como fugir para algum lugar que se situaria fora do mundo, em busca de proteção, forma romantizada de explicar a internação e, no entanto, paradoxal, pois o hospício era um lugar onde ela já havia sofrido muito. Em algumas ocasiões ela havia se internado voluntariamente. Hospício é escrito com letra maiúscula, o que reforça o poder dessa instituição total, enquanto deus, seu principal interlocutor, é grafado em minúscula. A análise se deu a partir do termo-pivô hospício:

Estou de novo aqui, e isto é - Por que não dizer? Dói. Será por isto que venho? - Estou no Hospício, deus [...]. E hospício é este branco sem fim, onde nos arrancam o coração a cada instante, trazem-no de volta, e o recebemos: trêmulo, exangue - e sempre outro. Hospício são as flores frias que se colam em nossas cabeças perdidas em escadarias de mármore antigo, subitamente futuro - como o que não se pode ainda compreender. São mãos longas levando-nos não sei onde - paradas bruscas, corpos sacudidos se elevando incomensuráveis: Hospício é não se sabe o que, porque Hospício é deus (CANÇADO, 1979: 29-30).

Mas e eu? Serei obrigada a repetir sempre que não sei? É verdade: “NÃO SEI.” Estou no Hospício. O desconhecimento me cerca por todos os lados [...]. Há tempos escrevi um conto, no qual dizia ser aqui “uma cidade triste de uniformes azuis e jalecos brancos” [...]. Aqui estou de novo nesta “cidade triste”, é daqui que escrevo.

[...] Sou uma das que veio voluntariamente para esta cidade – talvez seja a única diferença (CANÇADO, 1979: 33-34).

Vim sozinha. O que me trouxe foi a necessidade de fugir para algum lugar, aparentemente fora do mundo. [...] Proteção? Mas aqui, onde não me parecem querer bem e sofri tanto? (CANÇADO, 1979: 30).

Nesta época internei-me pela primeira vez em sanatório para doentes mentais. (Já eu tinha dezoito anos.) Ninguém entendeu o motivo desta internação, a não ser eu mesma: necessitava desesperadamente de amor e proteção. Estava magra, nervosa e não dormia. O sanatório parecia-me romântico e belo. Havia certo mistério que me atraía (CANÇADO, 1979: 69).

Portanto, para Maura, "Hospício é Deus", pois escapa à sua capacidade de compreensão e representa o que não se pode definir ou conhecer. Em alguns momentos, considera o hospício um lugar fora do mundo, local de proteção ou refúgio, onde ela poderia retirar-se para escrever. Conforme indicado, essa forma romantizada e iniciática de explicar o hospício não encontrará ressonância na opressiva realidade do cotidiano da instituição. Francisco (2011; 2012) conclui na mesma direção: "Para ela, o hospício era um território mítico, ao mesmo tempo que um espaço institucional de esmagadora opressão; e os loucos se avizinhavam dos santos, em seu alheamento sobrenatural da vida cotidiana" (FRANCISCO, 2011, p. iii).

A partir de Pinel e outros pioneiros da psiquiatria, sabe-se que os loucos foram postos sob o regime de casas de internamento, e que um dia serão descobertos nas salas do Hospital Geral, nas celas das "casas de força" (FOUCAULT, 2005: 48). Em um primeiro momento, estavam reunidos os pobres, os desempregados, os correccionários e os insanos. A loucura esteve ligada a essa terra de internamentos, que era designada como seu local natural; é, portanto, entre os muros do internamento que Pinel e a psiquiatria encontrarão os loucos, e lá os deixarão, não sem antes se vangloriarem por terem-nos "libertado". Desse modo ocorre a segregação operada pelos hospícios. Nesse sentido, Maura se conduz ao que chama de "cidade triste" e se indaga pelos motivos que a levaram ali, como fugir para algum lugar que se situaria fora do mundo, em busca de proteção, operando sua "ruptura com o passado" e com o mundo externo.

Maura descreve uma transição ou uma trajetória entre o mundo externo e o hospício. Ela dirigiu-se voluntariamente para esta internação no Hospital Gustavo Riedel do Centro Psiquiátrico Nacional do Engenho de Dentro. Escreve sobre a oposição entre o mundo "lá fora" e o de dentro do hospício (de onde escreve, "aqui"). Vestir o uniforme da instituição é uma ruptura. Ela considera esse processo um

noviciado ou uma iniciação - estaria aprendendo: “O doente, ainda preso ao mundo de onde não saiu completamente, tratado com brutalidade, desrespeito, maldade mesmo, reage. [...] Considero um noviciado, depois do que as provas perdem a razão de ser (mesmo, não possuo muita paciência e o noviciado é longo). Ou serei noviça há muito tempo?” (CANÇADO, 1979: 29). “Estranha a minha situação no hospital. Pareço ter rompido completamente com o passado, tudo começa do instante em que vesti este uniforme amorfo, ou, depois disto nada existindo – a não ser uma pausa branca e muda” (CANÇADO, 1979: 34).

Mesmo sem acreditar que ela própria vá atingir um estado santificado de louca, Maura considera que talvez esteja nesse noviciado, termos retirado do vocabulário religioso. Em uma passagem especialmente contundente, ela encontra uma mulher que antecipa seu devir, notando que naquele momento Maura apenas principiava:

Uma mulher, sempre sentada na sala de estar (aparentemente lúcida, mas muito triste), falou-me mais ou menos assim, um dia: “- Tenho observado você, e vejo que está no princípio. Você é muito nova, ainda vai ter que chorar muito. Você diz que aqui é um chiqueiro, mas não é. Primeiro esteve num sanatório de luxo; agora outro, menos caro, talvez depois outro e ainda outro. Para mim não faz diferença o dia ou a noite. Se me colocarem de cabeça para baixo sou capaz de permanecer imóvel. Mas você chegará onde estou. Eles vão te amansar. Ainda vai chorar muito, e chegar onde estou - porque já começou a andar. Ainda vai chorar muito. Mas já começou. A mulher tinha cabelos escuros, lisos e longos. Olhar inteligente, face estranha e sofrida; estava grávida (CANÇADO, 1979: 153).

A escritora demarca uma transição entre o mundo "lá fora" e o "aqui" do hospício. Utilizando o termo religioso "noviciado", reforça o caráter iniciático da loucura. Vestir o uniforme do hospital é uma ruptura com o passado. Maura relatou que fora estigmatizada pela sociedade de Minas Gerais por ser uma mulher separada e com um filho. Ao longo dessa internação, passa por um processo de aprendizado de que também ela possui o estigma de doente mental, constituindo uma “iniciação”, o que Goffman (2008) denomina o início da carreira moral do doente mental. A carreira do doente mental é dita moral por provocar uma sequência regular de mudanças no eu da pessoa e no seu esquema de imagens para julgar a si mesma e aos outros (GOFFMAN, 2008). O autor entende por carreira moral as experiências semelhantes de aprendizagem, relativas à sua condição, daquelas pessoas que têm determinado estigma e que sofrem mudanças semelhantes na concepção do eu (GOFFMAN, 1988).

Maura se apercebe de que a única diferença em relação aos outros pacientes é o fato de ela ter se conduzido ao hospício por conta própria. Um grupo relativamente

pequeno de pré-pacientes vai ao hospital psiquiátrico por vontade própria, porque tem uma ideia geral de que será bom para eles, mas uma vez que entra voluntariamente no hospital, pode passar pela mesma rotina de experiências dos que entram contra a vontade (GOFFMAN, 2008).

Hospício, no texto de Maura Lopes Cançado, é escrito com letra maiúscula, o que tem em si o poder da instituição total (GOFFMAN, 2008). Toda instituição tem, segundo o sociólogo, tendências de fechamento e algumas são muito mais fechadas do que outras. Esse fechamento ou caráter total é simbolizado por barreiras que impedem a relação social com o mundo externo e por proibições à saída dos indivíduos, que são muitas vezes incluídas no espaço físico, como portas fechadas, paredes altas, etc. Esses estabelecimentos são assim denominados instituições totais e possuem essas características comuns (GOFFMAN, 2008).

Ao longo de vários trechos escritos no hospício, Maura se pergunta onde arranjar emprego e para onde ir, mas não pensa sequer em deixar o hospício, por haver ela também perdido seu lugar no mundo. Procurando alternativas para lhe garantir a subsistência, volta a usar um termo religioso ao mencionar ir para um Convento, onde poderia escrever. O único que quer é dedicar-se à sua escrita: “[...] não sabia para onde ir nem tinha dinheiro” (CANÇADO, 1979: 47). “Chorei muito pensando em minha vida, na dificuldade que terei quando sair daqui [hospício]. Onde arranjar emprego, para onde ir?” (CANÇADO, 1979: 116). “Não me importaria entrar para um Convento, onde pudesse escrever, se tivesse cama e comida. [...] E não tenho disposição para coisa alguma, a não ser escrever” (CANÇADO, 1979, p. 154).

Quando Maura, ao pensar em sua subsistência, menciona a hipótese de ir para um Convento, desde que lá pudesse subsistir para continuar a escrever, tal como fazia no hospício, ela opera uma aproximação entre conventos e manicômios. Goffman (2008) observa, ainda no título, que ele provavelmente subscreveria, de sua obra (em português), a existência de uma semelhança entre manicômios, conventos e prisões, pois são todas instituições totais. De fato, Maura passa sua vida entre manicômios e prisões. Em alguns momentos, o hospício parece-lhe ser um lugar fora do mundo, local de proteção ou refúgio, onde ela poderia retirar-se para escrever. Durante seus períodos de internação, ela relata diversas vezes estar escrevendo seus contos, seu diário, cuidando de sua literatura e publicando seus textos nos jornais, mas, na realidade, sua trajetória pelas diversas instituições culminará com a exclusão social e o consequente abandono da escrita.

Vimos que essa sua visão inicial romantizada e, de certo modo, religiosa, que considerava a loucura como um “noviciado”, não se sustentou em suas contradições. É emblemática e, ao mesmo tempo, profética a cena da mulher que lhe dirige a palavra, dizendo que Maura está no princípio, por ser ainda muito nova, mas que ainda iria sofrer muito; havia saído de um sanatório privado caro, depois ido a outro um pouco pior e muitos outros hospitais viriam, numa carreira descendente que já teria começado.

A escritora remete a um conto, por ela publicado, que define o hospício como uma cidade triste, habitada pelas pacientes em uniformes azuis e pelos médicos, enfermeiras e guardas em jalecos brancos, o que dá uma bela imagem visual, melancólica, da organização social do hospital psiquiátrico. De fato, nas instituições totais coabitam o mundo dos internados e o mundo da equipe dirigente (GOFFMAN, 2008).

O mundo do hospício contado por Maura inclui as doentes, os médicos, as enfermeiras, as guardas, as funcionárias. Ela descreve longa e detalhadamente, em diversas passagens, as relações que se estabelecem no hospício, os tratamentos aos quais as internas estão sujeitas e denuncia os maus-tratos. Relata as consultas com os médicos e grande parte do seu texto é dedicada à paixão que sente pelo Dr. A., um médico negro com quem estava em tratamento de Psicoterapia. Ela é branca e a questão racial assume primeiro plano em suas digressões. Maura possui uma relação mais próxima com a enfermeira dona Dalmatie e com alguns médicos, como o próprio Dr. A, enquanto se antagoniza com as guardas e demais enfermeiras.

Vejam-se algumas sequências discursivas nas quais os tratamentos infligidos e as relações de poder entre as doentes e a equipe estão explicitadas, a partir dos termos-pivô tratamento, hospital, médicos, enfermeiras, guardas. Em relação aos tratamentos, destaca-se: “[...] não tenho para onde ir, e vou fazer o tratamento de Psicoterapia. Onde encontraria um psicoterapeuta de graça? O tratamento me fascina e preciso fazê-lo” (CANÇADO, 1979: 38). “[Dr. A.] Ainda não pode ser chamado Psicanalista, ele disse, porque está em formação psicanalítica. Isto quer dizer: estamos ambos sendo submetidos a tratamento” (CANÇADO, 1979: 41). “Foi criado neste hospital um Serviço de Ocupação Terapêutica dirigido por dona Dalmatie [...] (Dra. Nise Silveira é a fundadora e diretora da Ocupação. O que se sabe dela é francamente positivo, dizem ser uma mulher excepcional. Não creio que ela tenha conhecimento de como se portam suas auxiliares [...])” (CANÇADO, 1979: 58-59). “Permaneci no sanatório fazendo

tratamento de insulina e ficaria lá para sempre, só o deixei porque mamãe se recusou a continuar pagando as altíssimas contas” (CANÇADO, 1979:60). “Aplicaram-me Sonifene na veia, dormi imediatamente, quando despertei, foi para iniciar a fase mais aguda da minha doença, até hoje” (CANÇADO, 1979:108).

Deste modo, a interna elenca alguns dos tratamentos em voga no final da década de 1950 e início de 1960: tratamento de insulina, medicamentos como sonifene, “promazionon e fenobarbital”, psicoterapia e ocupação terapêutica (CANÇADO, 1979:190). A terapia de insulina, que induzia ao coma, foi descontinuada devido aos riscos. Foram implantados o tratamento de Psicoterapia e o Serviço de Ocupação Terapêutica no Centro Nacional do Engenho de Dentro, pela pioneira Dra. Nise da Silveira, que Maura menciona positivamente, mas não chega a encontrar.

Ela descreve os tratamentos e também os maus tratos, como os eletrochoques que são frequentemente aplicados e também usados como ameaça às doentes e instrumento de vingança. O quarto-forte, sujo e abafado, é constantemente utilizado. Os relatos dos castigos, punições e violências são contundentes. Acaba por apontar em algumas passagens o papel de agentes da exclusão designado aos trabalhadores dos hospitais psiquiátricos “Fez eletrochoque por vingança e para castigar-me. [...] Eletrochoque devia ser tratamento, e não instrumento de vingança em mãos de irresponsáveis” (CANÇADO, 1979: 46). “Fiquei desesperada: tratavam-me como louca. Eu não iria desapontá-los. [...] Quando me buscaram sabia o que me esperava: quarto-forte. [...] Não conhecia ainda a extensão dos castigos aplicados aos doentes mentais” (CANÇADO, 1979: 48). “[...] roubamos o livro de ocorrências [...]. Constatei a desonestidade das guardas, enfermeiras e médicos. Não registam o que podia comprometê-los. Carmelita não registrou me haver jogado no quarto-forte [...]. Também não registrou que estive nua, sem alimento nem água, durante vinte e quatro horas neste quarto” (CANÇADO, 1979:189). “As guardas rancorosas. Elas nos fazem voltar das portas, fugir dos corredores, engolir depressa a caneca de mate quente. [...] "Depressa, suas lesmas. Andem depressa com essa comida, suas filhas da puta. Todas para o pátio.” (CANÇADO, 1979: 36). “Estas carcereiras devem esperar o pior – porque as odeio. Somos duas classes distintas, vítimas e algozes” (CANÇADO, 1979:122). “Considero a palavra “guarda” completamente agressiva. É como se estivéssemos num presídio” (CANÇADO 1979: 146).

A relação mais imediata e cotidiana das doentes é com as chamadas guardas e com as enfermeiras. Ela considera que a palavra guarda é por demais agressiva, mas as

vê como algozes das doentes, que seriam vítimas de violências cotidianas. O hospital mantinha um número de doentes três vezes superior ao que podia suportar, segundo a paciente, e as brigas entre internas e agressões por parte das guardas e enfermeiras eram parte da rotina da instituição. O próprio médico de Maura afirmara que quem manda nos hospitais não são os médicos e sim os funcionários, que estão diretamente em contato com os doentes. Os médicos passam pouco tempo em seus consultórios no hospital e não visitam o refeitório ou o pátio e, por sua vez, os doentes não são ouvidos, pois são desqualificados como não dotados de razão, situações que Maura pretende denunciar:

Se me tornar escritora, até mesmo jornalista, contarei honestamente o que é um hospital de alienados. Propalam uma série de mentiras sobre estes hospitais: que o tratamento é bom, tudo se tem feito para minorar o sofrimento dos doentes. E eu digo: É MENTIRA. Os médicos permanecem apenas algumas horas por dia nos hospitais, e dentro dos consultórios. Jamais visitam os refeitórios. Jamais visitam os pátios. O médico aceita, por princípio, o que qualquer guarda afirma. Se é fácil desmentir um psicopata, torna-se difícil provar que ele tem razão (CANÇADO, 1979:52).

Maura relata em muitos momentos estar escrevendo seus contos, seu diário, cuidando de sua literatura e publicando seus textos nos jornais. Sua escrita e vida estão intimamente ligadas à experiência da loucura. Ela observa as demais pacientes no refeitório e no pátio, inicialmente com medo e perplexidade, mas sua visão gradativamente se transforma em denúncia por meio da escrita. Percebe que pode mandar uma mensagem, daquele mundo que é seu e das mulheres loucas, para os que vivem fora do hospício, o que efetivamente realizará com a escrita e a publicação de seu livro: “Com o que escrevo poderia mandar aos “que não sabem” uma mensagem do nosso mundo sombrio. Dizem que escrevo bem. Não sei. Muitas internadas escrevem. O que escrevem não chega a ninguém – parecem fazê-lo para elas mesmas.” (CANÇADO, 1979:33). “Gostaria de escrever um livro sobre o hospital e como se vive aqui. Só quem passa anonimamente por este não pode conhecê-lo.[...] Talvez já o esteja fazendo, não queria vivê-lo.” (CANÇADO, 1979: 60).

Inicialmente, tem medo do extremo abandono que o pátio representa e se recusa a frequentá-lo. Por fim, indaga até quando estará livre do pátio e, com indignação, pergunta até quando haverá pátios ocultos em hospícios. Ela então se compromete a escrever sobre o mundo dos manicômios, para que essa realidade possa ser conhecida e conduza à luta e à transformação:

Não aceito nem compreendo a loucura. Parece-me que toda a humanidade é responsável pela doença mental de cada indivíduo. Só a humanidade toda evitaria a loucura de cada um. Que fazer para que todos lutem contra isto? Não acho que os médicos devam conservar ocultos os pátios dos hospícios. Opto pelo contrário; só assim as pessoas conheceriam a realidade lutando contra ela (CANÇADO, 1979: 161).

Considerações finais

Maura, mulher branca e escolarizada, era originária de uma elite rural de um dos estados mais prósperos do Sudeste do país, mas o fato de ser uma mulher, afastada dos seus privilégios de classe por sua loucura, ilustra como se dá a produção de sujeitos subalternos no contexto de um país periférico como o Brasil (SPIVAK, 2010). A subalternidade é marcada pelo silenciamento, que Maura Lopes Cançado buscou romper com a publicação de seu livro-denúncia, escrito quando contava com trinta e um anos de idade e editado cinco anos depois. Porém, após publicar seu segundo livro em 1968, as sucessivas internações levaram-na a calar sua literatura.

Maura sofreu um processo de degradação e exclusão social, em uma trajetória que vai de internações em sanatórios particulares até longas internações em manicômios públicos. Ela perdeu progressivamente seus laços familiares, o vínculo com a moradia, o trabalho, a sua rede social e, por fim, deixou de escrever e de ser lembrada por sua obra literária: restou-lhe um não lugar. Culminou por assassinar uma paciente na enfermaria de uma clínica particular e cumpriu medida de segurança pelo prazo determinado de seis anos, mas sem jamais obter a cessação de periculosidade pela Justiça. Seu périplo por instituições psiquiátricas e presídios terminou por denunciar a incerta situação do louco infrator, a questão da sua responsabilização e a garantia de seus direitos fundamentais.

O diário de Maura constitui uma rara e importante narrativa da sua experiência paradoxal de criação literária e exclusão social, que procuramos destacar e analisar, descrevendo o processo que a relegou a uma posição subalterna. A discriminação e a institucionalização foram constantes em sua vida, o que certamente contribuiu para o agravamento de seu sofrimento mental. O presente trabalho evidenciou a escritora e o testemunho de sua própria experiência, de outro modo invisibilizada (SCOTT, 1998), o que de maneira semelhante definiu a trajetória de inúmeras mulheres brasileiras submetidas a internações psiquiátricas de longo prazo e às opressões de uma sociedade sexista e excludente.

O discurso não é tão somente o que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 2006). O discurso de Maura em *Hospício é Deus* acaba por se constituir em um libelo contra os hospícios e o abandono dos doentes em seus pátios. Parece-lhe que toda a humanidade é responsável pela doença mental de cada indivíduo. Não acha que os pátios dos hospícios devam permanecer ocultos e se pergunta o que fazer para que todos lutem contra a realidade dos manicômios. Portanto, o potente discurso histórico e literário da escritora corrobora as razões da luta antimanicomial e das várias lutas pelos direitos humanos. A sua experiência e a transcendência de sua escrita resistiram por meio do legado de sua obra literária. Maura Lopes Cançado permanece viva e intensa.

Referências

- AMARANTE, Paulo (Coord.). *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1998.
- AUTRAN, Margarida. Ninguém visita a interna do cubículo 2. *Jornal O Globo*. (Cultura) p. 35. 20 jun., 1977.
- BUENO, Eduardo. *Brasil: uma história*. São Paulo: Ática, 2003.
- BRASIL, Assis. Maura Lopes Cançado. In: BRASIL, Assis. *A nova literatura - III - O Conto*. v. 3. Brasília: Americana. p. 101-106, 1973-75.
- COELHO, Maria do Socorro Vieira; MARRECO, Maria Inês de Moraes. Maura Lopes Cançado. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). *Mulheres em letras: antologia de escritoras mineiras*. Florianópolis: Editora Mulheres, p. 213-228, 2008.
- CONY, Carlos Heitor. Maura Lopes Cançado. *Folha de São Paulo* (Ilustrada). p.19. 15 jun., 2007.
- COSTA, Flávio Moreira. Introdução ao abismo da alma. In: Costa, Flávio Moreira da. (Org.). *Os melhores contos de loucura*. Rio de Janeiro: Ediouro, p.11-14, 2007.
- CANÇADO, Maura Lopes. *O sofredor do ver*. Brasília: Confraria dos Bibliófilos do Brasil, 2011.
- CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus*. Rio de Janeiro: Record, 1979.
- CANÇADO, Maura Lopes. *O sofredor do ver*. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1968a.
- CANÇADO, Maura Lopes. Quem é Maura Lopes Cançado? A vida pela arte. *Leitura*, n.110, p.20-21, 1968b.
- CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France de 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- FOUCAULT, Michel. Prefácio (Folie et déraison). In: FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Coleção Ditos e Escritos, Vol. 1. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.152-161, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FRANCISCO, Severino. Maura, a rosa recuada. In: Cançado, Maura Lopes. *O sofredor do ver*. Brasília: Confraria dos Bibliófilos do Brasil, p. i-vi., 2011.
- FRANCISCO, Severino. Sensibilidade pela tragédia humana. *Jornal Estado de Minas*. 9 jun., 2012.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.
- GOULART, Maria Stella Brandão. *As raízes do movimento antimanicomial*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- GOULART, Maria Stella Brandão. A construção da mudança nas instituições sociais: a reforma psiquiátrica. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v.1, n.1, p. 1-19, 2006.
- GOULART, Maria Stella. Brandão. *O ambulatório de saúde mental em questão: desafios do novo e reprodução de velhas fórmulas*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1992.
- LIMA, Daniela. Os voos de Maura. Recuperado de <<http://www.blogdoims.com.br/ims/os-voos-de-maura-por-daniela-lima>> em 29 jan., 2013.
- MACHADO, Marília Novais da Mata. Procedimentos metodológicos. In: MACHADO, Marília Novais da Mata et alii. *Discurso da equidade e da desigualdade sociais: significações imaginárias, vínculo social*. Belo Horizonte: Argvmentvm, p.19-28, 2010.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- PENHA, João. A maior escritora brasileira - um depoimento de João da Penha sobre Maura Lopes Cançado. *Revista Escrita*, n.13, p. 34-35, 1976.
- PINHEIRO, Márcio. A literatura estranha a realidade. *Jornal do Brasil*, Caderno B, p. 4, 09 jan., 1994.
- SCARAMELLA, Maria Luisa. *Narrativas e sobreposições: notas sobre Maura Lopes Cançado*. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 2010a.
- SCARAMELLA, Maria Luisa. Écrire pour vivre, vivre pour écrire: un récit autobiographique au Brésil. *M@gm@ Periodico Eletronico*, v.8, n.1, 2010b.

- SENRA, Ângela Maria de Freiras. Os hospícios de Maura Lopes Cançado – apontamentos. *Literatura e memória cultural: Anais do II Congresso da ABRALIC*, p.174-181, 1991.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Literatura. Cadernos Pagu*, n. 19, p.9-53, 2002.
- SCOTT, Joan Wallach. A invisibilidade da experiência. *Projeto História*, n.16 (1), p.297-325, 1998.
- TENÓRIO, Fernando. A reforma psiquiátrica brasileira da década de 1980 aos dias atuais: história e conceitos. *Hist. Cienc. Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 25-59, Abr., 2002.

Leísa Ferreira Amaral Gomes
Graduada em Psicologia e Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
Mestre em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG.
E-mail: leisamaral@yahoo.com

Maria Stella Brandão Goulart
Doutora em Ciências Humanas: Sociologia e Política. Departamento de Psicologia da UFMG.
E-mail: goulartstella2011@gmail.com